

PARA CONHECER A OBRA DE ROGER BASTIDE

Fernanda Arêas Peixoto (DA)

A vasta produção do sociólogo e antropólogo francês Roger Bastide (1898-1974) permite diversas aproximações. Seria possível percorrê-la segundo fio cronológico: o trajeto do autor e a sucessão de seus escritos no tempo. Ou, começar pelas obras consagradas, publicadas na forma de livro. Ou, ainda, selecionar os temas mais tratados e conhecidos. E, por que não, iniciar pelos trabalhos dedicados ao Brasil, país no qual viveu entre 1938 e 1954 como professor de sociologia na Universidade de São Paulo?

As possibilidades são muitas e as escolhas dependem de inclinações pessoais. Sem querer inibir ou excluir outras eleições possíveis, trata-se de sugerir um roteiro que, como todo roteiro, propõe caminhos para quem almeje desbravar a obra desse grande intérprete do Brasil e analista engenhoso, que fornece inspirações a todo aquele interessado em pensar a vida social e suas expressões culturais.

Os estudos que realizei sobre Bastide orientam as trilhas indicadas; estudos que visam, em primeiro lugar, pensar a importância da experiência brasileira do autor, não apenas como terreno de pesquisa, mas sobretudo como solo fértil no qual ele forjou novas perspectivas de análise, em função dos diálogos que estabeleceu, por exemplo, com Mário de Andrade e Gilberto Freyre. E nos quais, em segundo lugar, procurei empreender uma leitura integrada das várias faces do autor, evitando reduzi-lo a um campo disciplinar específico (*Diálogos brasileiros*, 2000 e *A viagem como vocação*, 2015).

Se não há guia neutro, tampouco há um leitor genérico. Assim que me dirijo ao iniciante, pensando-o em função de suas possíveis áreas de interesse: artes, literatura, religiões, contatos culturais, relações raciais etc. De todo o modo, mesmo aquele que tenha preferências claras por certos assuntos, verá como nosso autor borra fronteiras e zonas temáticas, convidando-nos a sair de regiões delimitadas... Outra de suas qualidades.

Imagens do Nordeste místico em branco e preto (1945), relato da primeira viagem feita por Roger Bastide ao nordeste do país, parece funcionar como boa iniciação aos trânsitos do autor entre cidades e regiões brasileiras, assim como aos seus deslocamentos por temas de pesquisa, aparentemente diversos. Equilibrada entre

a “ciência pura” e o “canto lírico”, a narrativa apresenta plasticamente, desde o título, as cidades de Salvador e Recife, descritas por meio de um “feixe de imagens”. O texto, de leitura saborosa, permite ao leitor acompanhar as primeiras descobertas do Brasil - o barroco e o candomblé -, domínios que, longe de opostos, se aproximam na reflexão do autor, um auxiliando a iluminar e a ampliar o outro. É possível perceber aí a forte sensibilidade estética do intérprete, que captura as dimensões plásticas de ruas, casas e fachadas; festas, templos (igrejas e terreiros) e rituais.

A inclinação estética das interpretações de Bastide já se mostrara nos ensaios reunidos em **Psicanálise do Cafuné** (1941), ao qual o leitor pode se dirigir em seguida, percorrendo os textos sobre o Aleijadinho e o barroco, ou sobre o hábito do cafuné, corrente no Brasil. O título do volume chama a nossa atenção para outra área a qual Bastide se dedicou ao longo da vida, a psicologia e a psicanálise, matéria de escritos e análises (**Sociologia e Psicanálise**, 1950) e inspiração para algumas de suas reflexões sobre os sonhos e sobre as doenças mentais (**Le rêve, la transe, la folie**, 1972). É possível percorrer a obra de Bastide seguindo esse eixo, firme e fecundo.

As religiões africanas encontradas no Brasil serão objeto de diversos estudos, assim como das duas teses, **O candomblé da Bahia** (1958) e **As religiões africanas no Brasil** (1960), dois trabalhos fundamentais, o primeiro de caráter etnográfico e o segundo de feição mais histórico-sociológico. Ao lado dessas obras de maior fôlego, Bastide escreveu diversos artigos sobre o tema, alguns reunidos em livros, como **Estudos afro-brasileiros** (1973). Esta coletânea, aliás, vem acompanhada de uma introdução esclarecedora na qual Bastide desenha o seu “itinerário de pesquisador europeu nos trópicos”, descrito como uma “crise de consciência” em função da experiência brasileira, que o obriga a alterar radicalmente as suas categorias lógicas, deixando-se penetrar por uma civilização diferente da sua. Em sentido semelhante, ele aponta na abertura de **Brasil, terra de contrastes** (1957): o pesquisador que quiser conhecer o Brasil deve forjar “noções líquidas”, mais plásticas e flexíveis, capazes de dar conta dos fenômenos de interpenetração cultural sobre os quais se deteve. Neste livro de 1957, dirigido principalmente ao público francês, Bastide recusa a visão corrente de um Brasil fraturado entre norte e sul, entre o moderno e o arcaico, preferindo vê-lo como conjunto complexo, repleto de cisões e fusões, que coloca grandes desafios ao intérprete.

Ao iniciante afeito a temas como a religião, a possessão e o sagrado, vale à pena percorrer a coletânea **O sagrado selvagem e outros ensaios** (1975), sobretudo

em função da reflexão sobre um sagrado que escapa às instituições religiosas, e que se encontra nas artes, nos sonhos, nos movimentos revolucionários e nas mitologias modernas. Bastide mobiliza aí uma noção alargada de sagrado, cuja matriz remete às reflexões de Marcel Mauss e que encontra desdobramentos particulares em autores como Georges Bataille e Michel Leiris.

As pesquisas do autor no campo da religião são referências incontornáveis para os estudiosos do assunto, independente de orientações e afinidades teóricas. Essas análises conheceram leituras críticas de antropólogos atuantes nesse domínio (de Yvonne Maggie, Beatriz Gois Dantas e Peter Fry, por exemplo), e vêm sendo recuperadas nos dias atuais por Márcio Goldman e alguns de seus alunos.

As marcas africanas na cultura brasileira foram analisadas por Bastide não apenas em função do material religioso, mas com a ajuda do folclore (**Sociologia do folclore brasileiro**, 1959) e das artes em geral (arquitetura, pintura e literatura). As relações entre brancos e negros na sociedade brasileira, por sua vez, foram enfrentadas por ocasião da grande pesquisa patrocinada pela UNESCO, cuja face paulista ele coordenou com seu aluno Florestan Fernandes; nesse contexto, ambos lograram demonstrar, contrariando as hipóteses da UNESCO, a existência de racismo e discriminação racial no Brasil (1955).

No campo das artes e da literatura, Bastide foi exímio analista além de ter atuado como crítico regular da imprensa brasileira e francesa. Parte dessa produção foi reunida em livro: o volume **Poetas do Brasil** de 1946 (revisto e apresentado por Augusto Massi, em 1997); **Roger Bastide: Impressões do Brasil** (2011), coletânea organizada por Fraya Frehse e Samuel Titan e **Navette literária** (2011), no qual Gloria Amaral compilou, traduziu e comentou a crítica francesa do autor. A reedição recente de seus livros, no Brasil e na França assim como a revista dedicada ao seu percurso e produção (**Bastidiana**), durante algum tempo, sinalizam a vitalidade e atualidade de seu pensamento.

O ensaio “**Machado de Assis, paisagista**” (1943), especialmente, se tornou uma referência importante para os estudos literários no Brasil em função das marcas por ele deixadas em Antonio Candido, ex-aluno de Bastide, que declara em dois ensaios de *Recortes* (1993) o seu débito para com o modelo de análise por ele proposto. A crítica e ensaísta Gilda de Mello e Souza, cuja inovadora tese sobre a moda foi orientada pelo mestre francês nos anos 1950, confessa sua admiração pela “estética pobre” do professor francês, estética de antropólogo sensível aos elementos

do cotidiano e da cultura popular (1978). Outra aluna de Bastide na Universidade de São Paulo e sua discípula confessa, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiróz, organizou alguns de seus escritos, apresentando-os com a ajuda de importante texto introdutório: “**Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide**” (1983).

Dessa coletânea faz parte o ensaio intitulado “**A propósito da poesia como método sociológico**” (1945), exemplar como acesso ao pensamento e à perspectiva de Bastide, além de fornecer sugestões preciosas do ponto de vista teórico-metodológico. Composto como um diálogo imaginário com o seu crítico, Bastide defende aí a necessidade do mergulho (poético) na realidade estudada de modo a conhecê-la de dentro (a poesia figurando, portanto, como forma de experiência e de conhecimento). Além disso, sugere o princípio dos “refletores convergentes”, único capaz, segundo ele, de captar a espessura da vida social e sua forma. O método consiste em projetar simultaneamente diversos feixes de luz sobre um mesmo objeto de modo a apreendê-lo de vários ângulos. Pensemos no corpo da bailarina em cena, diz ele; os diversos focos sobre ele lançados funcionam como o recurso adequado para que possamos vê-lo em suas múltiplas faces e movimento, sabendo que haverá sempre zonas de penumbra.

Neste ensaio preciso e sucinto, Bastide anuncia, assim, um método de análise potente, chamando a atenção também para os seus limites, o que parece ser uma advertência preciosa para todo e qualquer pesquisador: ao escolher um caminho de interpretação, é preciso pensar em seus rendimentos e também em suas limitações. Por seu estilo de conversa franca e também em razão de seus importantes ensinamentos, este texto constitui uma excelente apresentação ao autor, podendo ser lido e relido, antes, durante ou depois das demais obras aqui sugeridas.

À guisa de observação final, gostaria de observar que os percursos propostos encontram-se repletos de bifurcações e atalhos, que permitem ao leitor se encontrar, mas também se perder, descobrindo novas faces desse autor múltiplo, que transitou por diversos domínios do conhecimento, experimentando caminhos analíticos variados.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Glória C.

2011. *Navette literária França Brasil: a crítica de Roger Bastide*, São Paulo, EDUSP

BASTIDE, Roger

1941. *Psicanálise do cafuné. Estudos de sociologia estética*, Curitiba, Guaíra (reedição francesa, Bastidiana Hors-série 1, 1996)

1945. *Imagens do nordeste místico em branco e preto*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro (reedição francesa, Actes sud, 1995)

1946. *Poetas do Brasil*, Curitiba, Guaíra (2ª edição, Duas Cidades/ EDUSP, edição e notas Augusto Massi, 1997)

1950. *Sociologie et psychanalyse*, Paris, PUF (tradução brasileira EDUSP/ Melhoramentos, 1974)

1955 (c/ Florestan Fernandes). *Relações entre negros e brancos em São Paulo*, São Paulo, Anhembi (republicado, modificado, em *Negros e brancos em São Paulo*, Companhia editora nacional, 1958).

1957. *Brésil, terre de contrastes*, Paris, Hachette (tradução brasileira DIFEL, 1959)

1958. *Le candomblé de Bahia*, Paris, La Haye Mouton et cie. (tradução brasileira, Companhia das Letras, 2001)

1959. *Sociologia do folclore brasileiro*, São Paulo, Anhembi

1960. *Les religions africaines au Brésil*, Paris, PUF (tradução brasileira, Pioneira, 1971, 2 vols)

1972. *Le rêve, la transe, la folie*, Paris, Flammarion

1973. *Estudos afro-brasileiros*, São Paulo, Perspectiva

1975. *Le sacré sauvage et autres essais*, Paris, Payot (tradução brasileira, Companhia das Letras, 2006)

CANDIDO, Antonio

1993. “Roger Bastide e a literatura brasileira” e “Machado de Assis de outro modo”
In: *Recortes*, São Paulo, Companhia das Letras

DANTAS, Beatriz G.

1988. *Vovó nagô e papai branco*, Rio de Janeiro, Graal

FREHSE, Fraya e TITAN, Samuel (orgs). *Roger Bastide: impressões do Brasil*, São Paulo, Imprensa Nacional, 2011

FRY, Peter

1986. “Gallus africanus sum, ou como Roger Bastide se tornou africano no Brasil” In: SIMSON, Olga von (org). *Revisitando terra de contrastes*, São Paulo, CERU/ USP, p. 31-46.

GOLDMAN, Márcio.

2012. “Cavalo dos deuses: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz africana no Brasil”, *Revista de Antropologia*, 54 (1), USP, p. 407-432

MAGGIE, Yvonne.

1975. *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*, Rio de Janeiro, Zahar

MELLO e SOUZA, Gilda.

1987. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*, São Paulo, Companhia das Letras

1980. “A estética pobre e a estética rica dos professores franceses” In: *Exercícios de leitura*, São Paulo, Duas Cidades

PEIXOTO, Fernanda Arêas

2000. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*, São Paulo, EDUSP/ FAPESP

2015. *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*, São Paulo, EDUSP/ FAPESP

QUEIRÓZ, M. Isaura P.

1983. “Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide” In: *Roger Bastide*, São Paulo, Ática [Grandes cientistas sociais]